

## ARTE, CATARSE E EDUCAÇÃO

*Priscila de Souza Chisté Leite\**

### Resumo

O artigo que segue pretende, por meio de pesquisa bibliográfica, revisitar o conceito de catarse a partir da perspectiva do materialismo histórico, sob a figura de Georg Lukács, colocando-o em diálogo com a educação e, principalmente, com o ensino da arte. Para tanto, inicia ao fazer uma reflexão sobre a importância do ensino da arte na atualidade e, a seguir, aborda a arte e a catarse a partir das ideias de Lukács. Finaliza o texto ao apresentar as relações entre a catarse e o trabalho educativo. Conclui que as reflexões suscitadas pela obra de arte podem ser potencializadas pela parceria escola/ espaço expositivo, desencadeando processos catárticos que contribuem com a construção de um olhar aguçado, aliado a um senso crítico apurado, bem como para o estabelecimento de novas relações com a realidade.

**Palavras-chave:** Arte. Catarse. Educação.

### Abstract

The article that follows aims, by means of bibliographical research, revisiting the concept of catharsis from the perspective of historical materialism, under the figure of Georg Lukács, putting it into dialogue with education and, especially, with the teaching of art. To this end, starts to make a reflection about the importance of art education today, and then discusses the art and the catharsis from the ideas of Lukács. Finalizes the text to the present relations between the catharsis and the educational work. Concludes that the reflections caused by the work of art can be potentiated by the partnership school/exhibition space, triggering cathartic processes that contribute to the

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. *E-mail:* priscilachiste.ufes@gmail.com

construction of a sharp eye, combined with a sharp critical sense, as well as to the establishment of new relations with reality.

**Keywords:** Art. Catharsis. Education.

## **Introdução**

O artigo em questão é parte da dissertação de mestrado “O Processo Catártico no ensino da Arte: uma parceria entre a escola e o espaço expositivo”, defendida em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Nesse trabalho acadêmico propusemos algumas práticas, reflexões e relatos a partir da interface educativa, escola e galeria de arte. Consideramos que o encontro com a obra de arte pode ocorrer na escola, muitas vezes por meio de reproduções, bem como nos espaços expositivos, tais como museus, galerias de arte, centros culturais etc. Contudo, valorizamos, nesta pesquisa, o encontro com obras de arte originais, por isso a necessidade de estabelecer parcerias entre esses espaços educativos. Além disso, investigamos, por meio de pesquisa bibliográfica, o conceito de catarse a partir de vários autores e, em especial, Georg Lukács. Pretendemos, portanto, neste artigo, apresentar algumas reflexões teóricas sobre o conceito de catarse e o ensino da arte, a partir da parceria escola/espaço expositivo, com vistas a enfatizar a importância dos processos catárticos.

## **A arte e seu ensino**

O ensino da Arte constitui-se como fundamental integrante no processo de formação do indivíduo, pois a relação entre obra de arte e o sujeito permite o desencadeamento de um processo reflexivo fundamental na construção social do indivíduo, possibilitando que ele participe de vivências estéticas que o estimule a repensar seu cotidiano, colaborando com a ampliação de seu conhecimento de mundo, do outro e de si.

Tendo em vista que no mundo contemporâneo, o poder é exercido, muitas vezes, pela mídia e pela publicidade, somos desafiados a ler imagens que se colocam como reconstituições simbólicas do real fetichizado. Assim, consideramos que o processo reflexivo originado pela relação do sujeito com a obra de arte é fundamental para colaborar com a transformação das

estruturas alienantes, proporcionando uma nova atitude diante dos acontecimentos cotidianos.

Nesse sentido, a Arte precisa ser conhecida e valorizada por todos os indivíduos. Essa produção humana é parte integrante do desenvolvimento da humanidade, capaz de revelar/apresentar o contexto histórico e cultural trazido através de sua materialidade. A Arte é produto do trabalho do homem e por suas particularidades suscita, no receptor, processos catárticos que o fazem pensar sobre sua vida, sobre o mundo e sobre o outro. Processos que serão intensificados pela mediação do outro. No espaço expositivo e escolar, os sujeitos dessa mediação são: o artista e sua obra, o professor, o educador do espaço expositivo e os alunos, assim como outros sujeitos que atravessam a relação arte/receptor.

Portanto, o ensino da arte tem como desafio ampliar e aprofundar a experiência estética do aluno, constituindo-se como fundamental integrante no processo de formação do indivíduo. O encontro com a obra de arte, promovido pela escola e pelo espaço expositivo, torna possível que o indivíduo reconheça sua própria essência, sua história no processo de desenvolvimento do ser humano. Além disso, entender a obra de arte envolve compreendê-la em seu contexto, conhecendo a poética do artista e atribuindo significados a ela. Significados carregados da vivência do sujeito. Esse processo de leitura de imagem envolve também a catarse, que é vista por Lukács (1966) como um “efeito” ligado a um processo que leva à tomada de consciência do mundo fetichizado por parte do receptor.

### **Arte e catarse em Lukács**

Segundo Lukács (1966), a Arte é uma atividade que parte da vida cotidiana para, em seguida, a ela retornar. A arte produz, nesse movimento reiterativo, uma elevação da consciência dos homens. É um modo de os homens se apropriarem do mundo, “um peculiar modo de manifestar o reflexo da realidade, modo que não é mais que um gênero das universais relações do homem com a realidade” (LUKÁCS *apud* DUAYER, 2003, p. 14).

O reflexo estético é a expressão do homem em frente à realidade. É, segundo Foerster (2004, p. 37), “o reflexo da realidade social e histórica de que o artista é parte”. Ele precisa ser visto não como simples rebatimento da realidade, mas como expressão da sensibilidade do artista, que sofre influências, age e transforma o contexto que integra.

A Arte, portanto, reflete a realidade, uma realidade complexa e multifacetada, compreendida a partir das diferentes esferas que a compõem; uma realidade referida ao homem inserido em um tempo e espaço concreto; realidade social, uma totalidade viva, na qual se fundem essência e aparência, onde o artista representa o real por meio de sua sensibilidade e das condições que o seu tempo histórico impõe (FOERSTE, 2004).

Nessa visão, o artista é o sujeito capaz de fazer aparecer uma interpretação mais ampla e profunda da realidade. “Capaz de sínteses substantivas sobre a relação dialética entre subjetivo e o objetivo, entre o homem e o mundo” (FOERSTE, 2004, p. 40). O artista inicia sua criação a partir da realidade, mas, no processo, chega a descobertas mais abrangentes do que as observações medianas oferecidas pela cotidianidade; ele transcende o mundo das aparências.

Ao criar a obra de arte, o artista cria um mundo de leis específicas. O objeto artístico, então, faz-se uma particularidade capaz de dialogar e interferir nos modos de percepção do seu criador e, consecutivamente, do seu receptor. A Arte expressa uma realidade humana em um contexto particular:

É uma representação estruturada da realidade, na qual estão presentes o fenômeno, enquanto manifestação aparente, e a essência, como processo implícito e manifestação das forças sociais atuantes em um dado momento histórico (FOERSTE, 2004, p. 43).

O encontro com a obra de arte torna possível a cada indivíduo reconhecer sua própria essência, sua história no processo de desenvolvimento do ser humano. Como aponta Lukács, ocorre um processo que possibilita aos homens “a síntese ontológico-social de sua singularidade, convertida em individualidade, com o gênero humano, convertido neles, por sua vez, em algo consciente de si” (LUKÁCS, 1978, p. 14).

Lukács (1966) nos esclarece que o poder orientador e evocador da Arte penetra na vida do receptor, subjuga seu modo habitual de contemplar o mundo e chama a atenção para o mundo cheio de conteúdos novos ou visto de modos novos. Faz com que o indivíduo receba esse mundo com sentidos e pensamentos rejuvenescidos, renovados (LUKÁCS, 1966). Esse poder da Arte é o que leva o homem à catarse, compreendida pelo filósofo como “efeito que desencadeia o choque entre o mundo objetivo estetica-

mente refletido com a mera subjetividade cotidiana” (LUKÁCS, 1966, p. 517, tradução nossa).

É nesse momento catártico que (ao menos em tese) é possível ocorrer a transformação do homem inteiro (imerso na cotidianidade) em homem inteiramente receptível à Arte, que amplia e enriquece conteúdos e formas, efetivos e potenciais da sua psique. Traz novos conteúdos que aumentam seu tesouro vivencial, desenvolve sua capacidade receptiva e sua capacidade de reconhecer e gozar novas formas objetivas, novas relações etc.

Sobre esse efeito individualizado, o autor coloca que o participante de uma experiência estética não pode ser visto como uma tábua rasa, como um disco gramofônico ainda não gravado em que qualquer coisa poderia imprimir seu efeito, pois,

jamais o receptor é uma folha em branco em frente a obra de arte, de tal modo que possa escrever nele cifras quaisquer. O receptor, inclusive quando é criança, chega sempre da vida, carregado de impressões, vivências, pensamentos e experiências que arraigaram mais ou menos firmemente nele a consequência dos efeitos do tempo, da natureza, da classe, etc., e que, às vezes, prontamente, podem se encontrar num estado crítico de transição individual ou social (LUKÁCS, 1966, p. 496-497, tradução nossa).

Com relação ao efeito da obra no receptor, Lukács, a partir de ideias goethinianas, propõe que, assim como a relação do homem com os objetos naturais (e seu conjunto) é uma relação ética, o efeito artístico também pode sê-lo. Ao se comover pela obra de arte, o receptor desencadeia um sentimento negativo, um pesar por não ter percebido nunca, na realidade, na própria vida, o que tão “naturalmente” se oferece na conformação artística. Assim,

nessa comoção contém uma anterior contemplação enfeitiçadora do mundo, a sua destruição pela sua própria imagem desenfeitiçada na obra de arte e a autocrítica da subjetividade (LUKÁCS, 1966, p. 507, tradução nossa).

Essa relação ética, submetida ao efeito catártico, é

uma sacudida tal da subjetividade do receptor que as suas paixões vitalmente ativas cobrem novos conteúdos, uma nova direção e, assim, purificadas, se transformem em embasamento anímico de ‘disposições virtuosas (LUKÁCS, 1966, p. 508, tradução nossa).

Portanto, a Arte tende a possibilitar ao homem transcender à fragmentação produzida pelo fetichismo da sociedade capitalista. Ela produz uma elevação, uma suspensão da cotidianidade, uma elevação da subjetividade do plano meramente singular para o campo mediador da particularidade que a separa inicialmente do cotidiano para, no final, fazer a operação de retorno à vida, de olhos mais abertos. Nesse sentido, cada catarse estética é um reflexo concentrado e consciente produzido de comoções contidas na vida. A “crise” catártica desencadeada no receptor reflete os traços mais essenciais dessas constelações vitais.

Contudo, é preciso se afastar da ideia da possibilidade de constatação empírica dos momentos pontuais em que a catarse ocorrerá nos indivíduos. Isto porque existem muitas implicações no “momento” catártico. Por isso, recomendamos não considerar a catarse como um momento pontual, um “insight”. Entendemos que a catarse não é um momento de depuração, não é um ato de prazer ou dor intenso, não é a emoção gratuita da novela das nove que faz chorar e sorrir, em que o sujeito se identifica com o herói da história apresentada, abandonando-se em detrimento da empatia pelo protagonista, transferindo para ele a criação que lhe cabe e abdicando de seu próprio ponto de vista. A catarse se traduz num processo de encontro entre sujeitos (obra e receptor), de quebra de uma realidade alienante, proporcionando trocas de saberes e afetividades. Dentro desse processo, a transformação do indivíduo não ocorre instantaneamente. Ela é gradual e variável, pois como dissemos, acontece dentro de um processo de encontros e de convívio com a obra de arte, que ocorre na interação social.

### **Catarse e trabalho educativo**

A partir do que foi colocado é possível pensar que o contato com a Arte possibilita uma reflexão sobre o mundo, faz com que o homem repense seu cotidiano. Como Lukács (1966) coloca, o homem torna-se inteiro na cotidianidade.

Essa contribuição dada pela Arte pode ser mediada e aprofundada com o trabalho educativo. A escola pode contribuir (ou ao menos pode criar as condições de possibilidades que permitam contribuir) para que os momentos com a Arte sejam mais frequentes e significativos. Vigotski (1999) considera que o encontro frequente com a Arte organiza nosso comportamento para ações futuras e nos faz aspirar ao que está incutido nela. A partir do contato com a obra de arte, são desencadeados processos de reflexão, interação, ação, análise, experiências e interpretação.

Mas, para que isso ocorra, é preciso que a Arte seja entendida em sua dimensão mais ampla. Portanto, o trabalho educativo deve propiciar que o indivíduo conheça a obra de arte em sua totalidade, vista como uma particularidade, em que o momento de catarse está atrelado ao conhecimento de todas as dimensões que a envolvem.

Se pensarmos que a educação escolar colabora com a formação dos indivíduos para a vida social como um todo, cabe a ela também dar condições para que os indivíduos se apropriem dos conhecimentos sistematizados pelo homem. Sabemos que utilizamos, em nosso cotidiano, pragmaticamente, essas construções de saberes e fazeres, mas acreditamos que seja também função da escola proporcionar momentos em que os indivíduos possam se apropriar dessas produções para se reconhecerem como integrantes do gênero humano (LUKÁCS, 1966).

Duarte (1996) coloca que a categoria de gênero humano não se reduz àquilo que é comum a todos os homens, não é uma mera generalização das características empiricamente verificáveis em todo e em qualquer ser humano, não se trata de desprezar a diversidade do indivíduo. Gênero humano é uma característica que expressa a síntese, em cada momento histórico, de toda produção humana até aquele momento. Nesse sentido,

para se formar como um ser humano, um ser genérico, o indivíduo tem que se tornar um ser social, mas essa socialidade, sendo formada no interior das relações de dominação, implica também o fenômeno da alienação. Lutar contra a alienação é lutar por reais condições para todos os homens de se desenvolverem à altura das máximas possibilidades objetivamente existentes para o gênero humano (DUARTE, 1996, p. 27).

É, em especial, no trabalho educativo que o indivíduo entende as produções das gerações passadas e, por conseguinte, reconhece-se como um ser social. Nesse processo, ele passa a entender sua vida de forma menos alienada e, quanto menos alienada for a vida cotidiana, mais ela fornecerá as condições para se apropriar do conhecimento sistematizado. Isso não quer dizer que, no processo educativo, aconteça essa apropriação de modo espontâneo e natural, é preciso que, por meio de mediações, os educandos possam apropriar-se de modos de pensar e agir que colaborem com esse processo.

Compartilhamos com Fontana (2005) suas proposições sobre as mediações que ocorrem no contexto escolar, quando ela diz:

Na mediação do/pelo outro revestida de gestos, atos e palavras a criança vai integrando-se, ativamente, às formas de atividade consolidadas (e emergentes) de sua cultura, num processo em que pensamento e linguagem articulam-se dinamicamente (FONTANA, 2005, p. 15).

Nesse contexto, é preciso que o professor assuma seu papel de mediador, intencional e explícito, estabelecendo uma relação de coautoria entre os sujeitos, em que os saberes de alunos e professor interligam-se, criando um espaço em que as “zonas de desenvolvimento iminentes” sejam trabalhadas pelos dizeres e fazeres de todos (VIGOTSKI, 1989). Desse modo, é necessário que as outras pessoas que já adquiriram esse conhecimento atuem com o indivíduo no sentido de ajudá-lo a se apropriar conscientemente da Arte.

Para tanto, o processo educativo deve colocar o educando em contato com as produções artísticas, científicas, filosóficas, morais, políticas etc., realizadas pelo homem ao longo de sua trajetória histórica. Segundo Duarte (1996), na atividade educativa, a relação com o conhecimento sistematizado e sua apropriação por parte do indivíduo é um resultado perseguido de forma intencional e direta. Usando as palavras de Saviani: trabalho educativo é “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 1991, p. 49). Então, o trabalho educativo ensina o indivíduo a estabelecer uma relação direta, consciente e ativa também com o saber elaborado, proporcionando o desenvolvimento do pensamento desse indivíduo.

## **Parceria entre escola/espço expositivo e o processo catártico**

Podemos acreditar que a catarse, provocada por uma obra de arte, pode e deve ser favorecida dentro do trabalho educativo. Atividades que proporcionem o contato e, por conseguinte, a experiência estética a partir de obras de arte, devem acontecer também na escola. Mas, para que isso ocorra, devemos estar atentos ao fato de que propiciar essas experiências por meio de reproduções de obras de arte, não possuem o mesmo efeito que o convívio com originais<sup>1</sup> de Arte (CHISTÉ, 2007).

Cabe, então, pensar em quais possibilidades teríamos para tornar possível o contato com originais de Arte. Sabemos que os setores educativos de museus e espaços expositivos têm-se efetivado em muitas cidades brasileiras. Mas percebemos que o simples contato com esses setores que agendam as visitas e definem percursos previamente, e que “monitoram” os alunos sem conhecer suas peculiaridades, não colabora para que o contato com as obras de arte se converta em um processo catártico. O interessante seria que entre esses espaços, escola e espaço expositivo, houvesse uma parceria que proporcionasse vivências estéticas que buscassem desde a preparação até o aprofundamento de tais experiências (FOERSTE, 2005). Isso implica provocar momentos intensos de encontro com a Arte. Esse processo é reiterativo. São idas e vindas pelo espaço expositivo e pela escola, dando continuidade a um ciclo de experiências estéticas que participam da formação sensível e crítica do jovem. Estabelecer parceria entre a escola e o espaço expositivo abarca também firmar uma parceria entre as pessoas que integram tais instituições e buscar alternativas para contribuir com suas práticas pedagógicas.

Por conseguinte, a relação entre obra de arte e receptor implica, necessariamente, uma relação social, uma troca entre sujeitos, um diálogo tanto com o autor da obra quanto com as vozes sociais que ecoam na obra, permitindo desencadear um processo reflexivo fundamental na construção social do indivíduo, provocando reflexões transformadoras sobre estruturas alienantes, manipuladoras e obliteradoras da realidade, proporcionando uma

---

<sup>1</sup> Consideramos o original com a obra autêntica, a obra que não foi copiada/reproduzida por meios tecnológicos, ao menos que esses estejam inseridos na linguagem utilizada pelo artista em seu processo de criação.

nova atitude diante dos eventos cotidianos. Essa reflexão é fundamental na formação do indivíduo, pois sabemos que nossa sociedade está calcada na espetacularidade dos acontecimentos, em que o espetáculo da realidade, por vezes, substitui a própria realidade. Nesse contexto, um olhar aguçado, aliado a um senso crítico apurado, colabora para o estabelecimento de novas relações com essa realidade e com as diferentes manifestações espetaculares que buscam retratá-la.

As reflexões suscitadas pela obra de arte fazem parte de um contínuo processo de formação e de transformação que colabora com a construção das relações que envolvem o processo de ensinar e aprender Arte e que, portanto, integram uma proposta de nos desenvolvermos a altura das máximas possibilidades existentes no gênero humano.

## Referências

CHISTÉ, P. de S. *O processo catártico no ensino da arte: uma parceria entre escola e espaço expositivo*. 2007. 234f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

DUAYER, J. T. *Lukács e a arquitetura*. 2003. 175f. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

DUARTE, N. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. Campinas: Autores Associados, 1996.

FOERSTE, E. *Parceria na formação de professores*. São Paulo: Cortez, 2005.

FOERSTE, G. M. S. *Leitura de imagens: um desafio à educação contemporânea*. Vitória: EDUFES, 2004.

FONTANA, R. A. Cação. *Mediação pedagógica na sala de aula*. Campinas: Autores Associados, 2005.

LUKÁCS, G. *Estética I-La peculiaridad de lo estético*. Barcelona: Ediciones Grijaldo, 1966.

\_\_\_\_\_. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. *Temas de ciências humanas*, São Paulo, n. 4, p. 1-18, 1978.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1991.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Data de registro: 23/03/2014

Data de aceite: 17/12/2014